

## 2

### A tessitura da massa freudiana, a premissa do líder

Em “Psicologia de grupo e análise do ego” [1921], Freud inicia um importante exame do fenômeno de grupo. Através da leitura atenta de dois autores – Le Bon e McDougall, aponta diversas consequências para os indivíduos que compõem o agrupamento. Acrescenta ainda significativa apreciação sobre a própria constituição do grupo, trazendo analogias preciosas com a neurose individual. Tecendo reflexões críticas acerca da teoria que precede seu texto sobre o fenômeno, Freud o coloca sob as lentes da psicanálise indagando as brechas que a psicologia social não pode responder, e talvez, nem mesmo perguntar.

O texto aponta de antemão o equívoco que é a pretensa separação entre a psicologia individual e a psicologia coletiva. O próprio título do trabalho faz a junção entre o advento do grupo, que estaria ao lado da psicologia das massas, e a marca da individualidade que o Eu impõe. No referido trabalho, Freud convoca a dimensão do coletivo que se apresenta antes de qualquer individualidade, e noticia em diversos pontos do seu texto esses “outros” que nos acompanham.

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, [1921], p. 81)

A partir deste primeiro entendimento em que afirmamos a importância fundamental do coletivo, ou ainda dos *outros* na vida anímica de um indivíduo, partamos agora para uma primeira investigação em torno deste emaranhado no qual todo ser se encontra submerso. Para tanto Freud inicia seu texto [1921] interrogando a formação da massa. Este exercício se formaliza no constante diálogo que ele estabelece com os autores anteriormente citados Le Bon e McDougall. Estes realizam um exame do fenômeno de grupo elegendo alguns conceitos que justificam o agrupamento. Freud não satisfeito os coloca em cheque acrescentando inovações teóricas que nortearão nosso percurso de trabalho.

## 2.1

### A “Mente grupal”, *Uma alma só?*

Freud inicia sua digressão a partir de Le Bon e sua obra *Psychologie des foules*, discutindo o que este denomina de “mente grupal”. Tal nomeação se refere à liga que mantém os indivíduos da massa unidos a tal ponto que suas singularidades dão lugar a uma unidade, que é mais do que a simples soma delas. Ou seja, na união que se estabelece entre os membros da massa, surgem novas qualidades que não faziam parte do repertório do indivíduo antes do agrupamento, e, ainda, outras desaparecem. “Le Bon pensa que os dotes particulares dos indivíduos se apagam num grupo e que, dessa maneira, sua distintividade se desvanece” (Freud, [1921], p. 85).

Freud destaca as palavras de Le Bon nas quais afirma que quaisquer pessoas, por mais diferentes que sejam, ao unirem-se num grupo, tornam-se possuidores de uma espécie de “mente coletiva” (Ibid., p. 84); e que junto com esse sentimento de unidade, as repressões das tendências inconscientes individuais são refreadas dando lugar a uma forte coesão.

O inconsciente racial emerge; o que é heterogêneo submerge no que é homogêneo. Como diríamos nós, a superestrutura, cujo desenvolvimento nos indivíduos apresenta tais dessemelhanças, é removida, e as funções inconscientes, que são semelhantes em todos, ficam expostas à vista. (Ibid., p. 85)

Nesta passagem Le Bon justifica a dispersão dos indivíduos - enquanto singularidades - numa homogeneidade, através da emergência de um “inconsciente racial”, qualidade de pertencimento inata e comum a todos. Em sua obra “Leis Psicológicas da Evolução dos Povos” (1910), Le Bon define o inconsciente como o aspecto irreduzível de uma raça, sendo este responsável pela classificação de um grupo (Le Bon, 1910, p. 17).

Esta identidade na constituição mental da maioria dos indivíduos de uma raça tem razões physiologicas muito simplez. Cada indivíduo, na realidade, não é apenas o produto dos seus progenitores directos, mas também o de sua raça, isto é o da série completa de seus ascendentes. Um sábio economista, Cheysson, calculou que em França, à razão de três gerações por século, cada um de nós terá nas veias o sangue, de pelo menos, vinte milhões de contemporaneos do ano 1000. “Todos os habitantes da mesma localidade, da mesma provincia, necessariamente tem

antepassados comuns, são amassados com a **mesma massa**<sup>1</sup>, tem o mesmo cunho e são sem cessar reconduzidos ao tipo médio pela longa e pesada cadeia de que são apenas os últimos elos. Somos simultaneamente filhos de nossos pais e de nossa raça. Não é apenas o sentimento, mas também a fisiologia e a hereditariedade que fazem para nós da pátria uma segunda mãe. (Le Bon, 1910, p. 17-18)

Esta concepção de raça vincula o inconsciente à hereditariedade, algo que pode ser transmitido, herdado e novamente repassado. Segundo Lê Bom, na multidão justamente o que ressoa é o “inconsciente racial”, ou seja, a união de cada membro desta se faz através do reconhecimento de atributos comuns, ainda que profundos e historicamente longínquos. Dessa forma, as qualidades que engendram a multidão de Le Bon deflagram a idéia de dispersão comunal e não se relacionam com aquelas que designam um indivíduo como único. Há aí uma nítida separação entre consciente e inconsciente. O primeiro guarda o valor de unicidade do indivíduo, enquanto o segundo permeia todos os homens, está distribuído igualmente na sociedade. Trata-se do inconsciente racial que porta as tradições as vontades comuns, os ideais e raízes ancestrais de um povo (Cf. Vidal, 1984, p. 58).

A cisão entre consciente e inconsciente incorpora a primeira idéia de inconsciente freudiano no qual o aparelho psíquico é dividido em Inconsciente/pré-consciente/consciente<sup>2</sup>. Esta primeira montagem aponta para a idéia de um aparelho psíquico dotado de camadas de profundidade. Na elaboração da primeira tópica, Freud ainda acreditava que a técnica psicanalítica poderia alcançar a cura ao tornar consciente o material que estava inacessível por seu difícil acesso. A consciência aparecia aí como lugar privilegiado de conhecimento sobre o ser.

A perspectiva binômica entre inconsciente e consciente é relida a partir da segunda tópica freudiana<sup>3</sup>. Nesta, Freud introduz a noção de aparelho psíquico, no qual o inconsciente apresenta-se atravessado pelas três instâncias: Id, Ego e Superego. Em 1923, Freud reformula sua teoria estabelecendo um inconsciente dinâmico em que as idéias de elementos isolados e camadas de profundidade perdem o sentido. Mesmo o lugar representativo de uma unidade – o ego – torna-

---

<sup>1</sup> Grifo meu.

<sup>2</sup> Primeira divisão formal do aparelho psíquico, também designada como primeira tópica, apresentada por completo em “O inconsciente” (Freud, [1915]).

<sup>3</sup> “O Ego e o Id” (Freud, 1923).

se descentrado. Sua constituição condiciona-se ao investimento libidinal do outro. Além disso, a censura do superego e as pulsões do Id marcam a condição *sine qua non* de um eu sempre dividido. A cisão do eu para Freud não aponta para limites circunscritos desta unidade, mas sim para a impossibilidade de um eu coeso.

Mesmo com idéias aparentemente tão opostas, Freud insiste num diálogo com Le Bon. Ao mesmo tempo em que este último afirma uma separação radical entre a parcela inconsciente do indivíduo e ele próprio, também aponta para a coexistência num mesmo ser entre um eu que se reconhece e a uma alteridade herdada.

## 2.2

### **A forma da massa, sobre a sugestão**

O caminho percorrido por Le Bon leva à consideração de que na massa a emergência de um inconsciente comum é justificada principalmente pelo rebaixamento das instâncias que regulam o eu, o que ocasiona no ganho de poder pelos indivíduos e na concomitante perda de controle e responsabilidade dos mesmos.

Duas características provêm desta observação. A primeira é o contágio, amplamente comentado no texto [1921], que se refere ao que o próprio substantivo já explicita. “Num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo.” (*Apud*, Freud [1921], p. 86). A segunda característica, que Le Bon afirma ser a mais importante, é a sugestionabilidade, “da qual o contágio acima mencionado não é mais que um efeito” (*Apud*, Freud [1921], p. 86). Le Bon afere que a suscetibilidade dos membros da multidão decorre da elisão do que é particular próprio de cada um.

Em sua abordagem, Freud observa que Le Bon faz coincidir pensamento crítico, repressão, consciência e o eu; e ainda, que a sugestão serve como o primeiro operador deste *eu-massa*.

O intenso efeito de sugestão na multidão é o índice de que o grupo não passa de uma massa flexível, altamente influenciável a qualquer idéia exterior.

Para explicitar melhor do que se trata tamanha sugestionabilidade, Freud recorre à hipnose.

As investigações mais cuidadosas parecem demonstrar que um indivíduo imerso por certo lapso de tempo num grupo em ação, cedo se descobre [...] num estado especial que se assemelha muito ao estado de fascinação em que o indivíduo hipnotizado se encontra nas mãos do hipnotizador. [...] A personalidade consciente desvaneceu-se inteiramente; a vontade e o discernimento se perderam. Todos os sentimentos e o pensamento inclinam-se na direção determinada pelo hipnotizador. (Freud, [1921], p. 86)

A sugestionabilidade da multidão, assinalada por Le Bon e ratificada por Freud, aponta para um liame visceral entre vários indivíduos. A hipnose é uma pequena massa formada por duas pessoas apenas. (Freud, [1921]). Tal como na multidão, a hipnose ocorre justamente quando a relação entre eu e outro fica embaçada, esmagada pela sugestão.

Nesta direção, Vidal aponta para o contra-senso da presença de dois indivíduos, duas subjetividades separadas na sugestão hipnótica.

Curiosamente a teoria hipnótica fornece um paradigma de uma psicologia pré-individual, pré-subjetiva, onde a relação com o outro está dada, logo de início, sob o modo de relação sem relação da sugestão hipnótica: O hipnotizado seria um não indivíduo posto que literalmente atravessado pelo discurso do outro. (Vidal, 1984, p. 62)

Neste sentido observamos o paradoxo inerente à questão da massa. Se, por um lado, o ajuntamento de alguns ou muitos indivíduos tende à qualidade de homogeneidade elencada por Freud, numa outra ponta deste mesmo problema observamos o quanto um indivíduo é permeado pelo outro, o que indica seu caráter múltiplo. O eu, longe de ser uma instância protegida pela propriedade de unicidade, é diáfano e por isso transpassado pelos outros.

Apesar da aproximação entre o efeito de sugestão e a hipnose, Freud nota que se elide nesta comparação a figura que na montagem da massa faria o papel do hipnotizador. Falta aí o elemento que é responsável por sugestionar, por governar esta multidão, ordená-la. “Muitos iguais que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos nos grupos capazes de subsistir” (Freud, [1921], p. 131).

E é assim que Freud dá um passo adiante na teoria de Le Bon, inferindo da massa um caráter político inexorável, representado pela presença inegociável de seu chefe. Enquanto Le Bon afirma que a causa de ligação da multidão é o inconsciente racial – atributo de *todos*, Freud não o reconhece enquanto origem consistente da massa.

O apelo ao líder em Freud aponta para outra direção. A apresentação de uma figura privilegiada como agente da sugestão faz com que o caráter da massa seja atrelado às peculiaridades deste chefe. A “alma coletiva” ou ainda a “mente grupal” é na verdade a representação dos anseios de *Um*.

Mas por que todos os membros de uma massa reconhecem este *um* enquanto líder e sofrem os efeitos de sugestionabilidade que decorrem desta figura?

## 2.3

### “Uni-vos”, disse Eros

Na tentativa de explicar as mudanças observadas nos indivíduos, e causadas, a princípio, pela sugestão, Freud recorre ao conceito de libido da qual deriva o amor. Todos os sentimentos amorosos são decorrentes desta primeira energia sexual que Freud denominou libido.

Damos esse nome à energia, considerada como magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo que pode ser abrangido sob a palavra amor. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união como objetivo. (Freud, [1921], p. 101)

Portanto, para Freud, o amor em sua ampla diferenciação está sempre relacionado ao sexual. Ou seja, todo amor que não se realiza no ato sexual é inibido em sua finalidade.

Freud aponta para este componente –o amor - que reside na alma coletiva e que jamais fora citado pelos autores percorridos em seu texto. Apenas Eros é capaz de tamanha coesão apresentada pela massa. Anterior ao próprio efeito de sugestão observado, há o amor. Este sim é o elemento fundamental pré-existente a

qualquer unidade possível. “[...] o indivíduo abandona sua distintividade no grupo [...] ‘ihnenzuLiebe’<sup>4</sup>” (Ibid., p. 103). Para Freud reside aí a função de Eros: unir (Freud, [1930], p. 104).

Tratando-se do amor, retomemos à liderança. Para tanto Freud chama à cena duas instituições modelares quanto ao amor e aos líderes. São elas a Igreja e o Exército. Temos aí exemplificados dois tipos de líder que, embora diferentes, exercem sobre seus seguidores efeito similar. “A Igreja e o Exército são grupos artificiais, isto é, uma força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura” (Freud, [1921], p. 105).

Cristo é um caudilho morto, enquanto o general ainda não perdeu sua cabeça. Mas ambos amam seus afilhados igualmente. O amor é distribuído homogeneamente. Todos têm sua parcela de um amor único, que emana do chefe maior e que os torna uma fraternidade. O amor compartilhado permite que os irmãos se amem, pois dividem um bem comum e reconhecem no outro parte de si. “Não há dúvida de que o laço que une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que os une uns aos outros” (Ibid., p. 106).

Freud identifica aí dois laços libidinosos que atravessam a massa: um que se endereça ao chefe, outro que possui como destino os semelhantes.

Embora Eros possua tamanho efeito agregador, a massa também se dispersa. Sua dissolução nos fornece importantes informações sobre as relações entre os membros que a constituem. A respeito disso, observa-se a dialética existente entre o pânico e a desagregação.

Desavisados dos apontamentos freudianos, tenderíamos a pensar que esta equação se escreve de seguinte maneira: uma vez em que o pânico generalizado se apresenta, a massa se dilui. Mas, o que Freud nos indica é justamente o oposto. O medo extremado entre os entes da coletividade é consequência da sua dissolução. Além disso, ele independe do grau de perigo que se apresenta.

O exército, segundo Freud, é o melhor exemplo para ilustrar tal situação: “[...] as ordens dadas pelos superiores não são mais atendidas” (Ibid., p. 107). Esta perda de reconhecimento da outrora autoridade faz com que os laços entre os irmãos se rompam gerando um medo imenso e insensato (Cf. Freud, [1921], p. 108). Freud recorre a paródia do drama “Judith e Holofernes” de Nestroy, da peça

---

<sup>4</sup> “pelo amor deles”. (Ibid., p. 103)

de Hebbel para ilustrar o pânico de que trata. Nesta paródia “Um soldado brada: ‘O general perdeu a cabeça!’ e, imediatamente, todos os assírios empreendem a fuga. A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico.” (Freud, [1921], p. 109). Sem que o perigo aumente, basta a perda do general para que surja o pânico.

Freud estabelece uma relação direta entre a queda do líder, o afrouxamento dos laços amorosos e o medo. Afirma que o medo coletivo, em sua genealogia, possui as mesmas causas que o medo do neurótico. Ambos podem ser acionados pela “magnitude do perigo” ou pela “rotura dos laços afetivos” geradora da angústia neurótica.

Quando o chefe perde seu lugar privilegiado ocasionando a dispersão dos membros da multidão, fica claro que o amor emanado pelo líder foi desfeito. O laço afetivo vertical que os unia não foi suficiente para mantê-los ligados.

E o pânico liga os soldados ainda mais intensamente que o amor militar, mas sob um modo em que o ápice da relação com o outro é simultaneamente o máximo da não relação com o outro, numa ligação sob o modo da não ligação. O bando em debandada supera a oposição entre ligação-desligação, sendo ao mesmo tempo narcísico e objetal. (Vidal, 1984, p. 70)

Notamos aqui que mesmo sem a figura vertical – o líder – a característica do contágio não some, pois o pânico se espalha como erva daninha, infectando a todos. Ao mesmo tempo em que a massa não suporta o desvinculo com o chefe, ainda assim permanece ligada, senão pelo amor, através do pânico. Este momento de rotura sugere então um outro tipo de ligação que não àquela sugerida por Eros. Não estamos aqui afirmando que este último não está presente. Porém, a circunstância descrita por Freud através do medo coletivo, adverte para um enlace dos indivíduos que compõe a massa, ainda mais primordial, anterior ainda ao amor.

Para Vidal, o momento de dissolução da massa faz despontar o caráter peculiar de sua ligadura.

Paradoxalmente, seria no momento em que o laço emocional com o chefe é desligado, no pânico, que se revelaria a essência da massa, da socialidade, como ligação libidinal de elementos em si mesmos não sociais: os narcisos individuais. Ao se desagregar panicamente a massa se decompõe em narcisos estranhos e opostos uns aos outros.

Em consequência, a cena mais ampla, a socialidade originária, consistiria na *no man's land* dos narcisos em ódio recíproco: para narciso, o bom outro é o outro morto ou excluído. O homem é o lobo do homem.. (Vidal, 1984, p. 68-69)

Dessa forma nos colocamos diante de um problema. Se Eros é o imperativo da união, afirmação sustentada por Freud ao longo de sua obra, que tipo de coesão é esta a da massa, anterior ainda ao mandamento religioso, “amar ao próximo como a si mesmo”? Que laço pode ser tão primitivo que antecede ainda a herança divina?

## 2.4

### A identificação

Na tentativa de articular um outro vínculo presente na massa e contido na união amorosa, Freud chega ao conceito de identificação.

Freud chama atenção para a idealização que reveste o enamoramento com a demasiada superestima do objeto amado. Em alguns casos, muito comuns no amor adolescente, esta superestima pode ser tão grande que “o objeto é tratado como o próprio eu do sujeito e que no enamoramento passa para o objeto uma parte considerável de libido narcisista” (Freud, [1921], p. 63). O objeto aí pode se transformar numa forma de valorar o eu, que busca naquele, ideais que não alcançou. Dessa forma, ter o objeto significa satisfazer o narcisismo. Mas a magnitude do enamoramento pode ainda ser maior. A idolatria pelo objeto chega a tal ponto que parte do Eu se esvai e o objeto ocupa o lugar do Ideal do eu.<sup>5</sup>

[...] o ego se torna cada vez mais desprezioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo auto-amor do ego, cujo auto-sacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto por assim dizer, consumiu o ego. (Ibid., p. 123)

---

<sup>5</sup> O *ideal do eu* é um conceito de difícil apreensão. Na obra freudiana ele se consolida em “Id e o Ego” [1923], posterior ao texto referido “Psicologia de grupo e análise do ego” [1921]. Apresentaremos o ideal do eu ao longo desta dissertação especialmente durante o terceiro capítulo. Por ora, podemos ficar com a prévia definição de que ele reúne as qualidades superlativas que representam um modelo, um ideal de perfeição - externo ao eu - a ser alcançado.

Toda a função crítica exercida por esta instância - Ideal do eu<sup>6</sup> - se intimida de tal forma que o objeto fica livre de qualquer exigência, alcançando um grau de perfeição que dispensa o trabalho regulador da mesma.

Esta relação do ego com o objeto, notada na melancolia<sup>7</sup> e no enamoramento, foi retomada por Freud em 1921 ao tratar da identificação como operação fundamental da massa. Freud observa no mecanismo de identificação entre os membros da massa e o líder uma dinâmica entre o eu e o objeto que nos ajuda no entendimento do laço que funda e mantém um agrupamento de pessoas tal qual como uma massa.

No texto “luto e melancolia”, Freud define a identificação da seguinte forma:

[...] a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o ego escolhe um objeto. O ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o. (Freud, (1917[1915]), p. 255)

Observamos aí que a identificação é anterior às relações amorosas e, por isso, difere do estado de apaixonamento, ou seja, independe de qualquer sentimento simpático. Freud afirma que o caminho é justamente o inverso. A simpatia ou os sentimentos afetuosos decorrem da identificação (Cf. Freud, [1921], p. 117). Ou seja, ainda que a pessoa não seja objeto da libido, basta que se reconheça um *traço*<sup>8</sup> em comum para que a identificação ocorra. Freud então demarca na identificação um tempo anterior à relação amorosa de qualquer espécie.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que no texto de 1921, Freud ainda não delimita o superego, utilizando algumas vezes o termo ideal do eu para referir-se à censura.

<sup>7</sup> Nesta patologia, a identificação leva à introjeção do objeto amado de forma radical. Freud salienta o caráter auto-destrutivo que o Eu assume nesta situação e afere:

As análises demonstram que essa depreciação e essas censuras aplicam-se, no fundo, ao objeto e representam a vingança do ego contra ele. A sombra do objeto caiu sobre o ego, como disse noutra parte: Aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara. (Freud, [1921], p. 119)

<sup>8</sup> A referência ao traço privilegia a identificação não necessariamente a um personagem. Lacan retomará o conceito privilegiando a idéia de traço, que será discutida posteriormente neste trabalho durante o terceiro capítulo.

<sup>9</sup> Anterior à relação com o outro, com os objetos, Freud nota no narcisismo um momento em que o ego destina investimento libidinal a si próprio. Ou seja, afere que o primeiro objeto de investimento do ego é ele mesmo. Em 1911, reconhece o narcisismo como uma etapa fundamental do desenvolvimento do ego e de suas futuras catexias objetais (Freud, 1911, p. 94).

Não podemos deixar de fazer uma ligação entre a identificação e o narcisismo como momentos que engendram uma idéia de regressão a um estágio no qual o objeto – outro, ainda não existia:

Em Psicologia de grupo e análise do ego distingue três fontes da identificação.

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção de objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (Freud, [1921], p. 117)

Temos na identificação e no enamoramento uma estrita aproximação do eu com o objeto<sup>10</sup>. A identificação apresenta a reconstituição do objeto no próprio eu; ou ainda, no enamoramento observamos como a introjeção do objeto pode ser feita literalmente à custa do eu, pelo seu gradual apagamento. Freud ainda lista uma série de comparações entre os modelos - identificação e enamoramento - que constituem as relações libidinosas da massa. Entretanto, parece inócuo o esforço de distingui-los amplamente<sup>11</sup>. A identificação apresenta-se como um conceito conturbado na psicanálise. Além disso, ainda que quiséssemos fazer uma digressão mais extensa para tratarmos das diferenças que engendram ambos os casos, poderíamos incorrer no erro de universalizar características, que em se tratando da psique, são mais plásticas do que se poderia abordar em alguns parágrafos.

As últimas observações acerca das relações amorosas - a partir do conceito de identificação - levam Freud à aproximação entre o enamoramento e a hipnose. Vale lembrar que no início do texto Freud já havia estabelecido um diálogo com a hipnose ao tratar dos efeitos de sugestão que circunscrevem o grupo. A afirmação que usa para tratar do enamoramento e da identificação: “*se o objeto é colocado no lugar do ego ou do ideal do ego*” (Freud, [1921], p. 124) também é utilizada

---

“Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado emprenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetual pode, talvez, ser indispensável normalmente [...]” (Freud, 1911, p. 68).

<sup>10</sup> No estado amoroso Freud, inclusive, faz alusão ao conceito introjeção, referência ao termo utilizado por Ferenczi para tratar da assimilação do objeto pelo eu.

<sup>11</sup> A identificação secundária, por exemplo, já pressupõe a projeção amorosa, e mesmo na fase oral primitiva “o investimento de objeto e a identificação talvez não se devam distingui um da outra” (Freud, [1921], p. ).

por ele na hipnose “o hipnotizador colocou-se no lugar do Ideal do ego” (Ibid., p. 124).

Na hipnose tudo, exceto o hipnotizador, prescinde de atenção. Somente através do investimento quase místico no objeto – hipnotizador – que o eu é capaz de abstrair de qualquer realidade externa ou interferência. É um exemplo de submissão similar ao que encontramos no enamoramento. A diferença reside apenas no fato de que na hipnose a satisfação sexual direta não está colocada.

A observação da deserotização do hipnotizador aproxima ainda mais o fenômeno da hipnose com a formação coletiva. Ressaltando o efeito sugestivo que subsiste na massa, Freud confere: “Por outro lado, porém, também podemos dizer que a relação hipnótica é (se permissível a expressão) uma formação de grupo composta de dois membros” (Ibid., p. 125). A relação dos membros da massa com o líder parece apontar para o regresso aos primórdios do narcisismo, como veremos mais tarde.

Eis a representação gráfica que Freud utiliza para ilustrar a constituição libidínica da massa, a relação do eu com o objeto na formação grupal. Freud traça, como observamos, uma linha curva marcando a relação entre o objeto introjetado e o Ideal do Eu. Este último se apodera daquilo que o objeto pode fornecer enquanto representação identificatória.

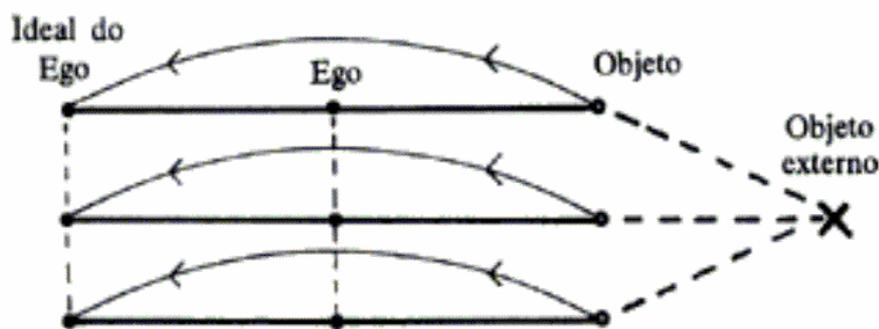


Figura 1 – Representação gráfica da operação da massa na introjeção do líder como Ideal do Ego